

## **AUTONOMIA, CONSCIÊNCIA E COMPLEXIDADE NA LÍNGUA EM USO: UMA ABORDAGEM COGNITIVA**

### **AUTONOMY, CONSCIOUSNESS AND COMPLEXITY IN THE LANGUAGE IN USE: A COGNITIVE APPROACH**

*Maria Célia Lima-Hernandes<sup>1</sup>*

*Renata Barbosa Vicente<sup>2</sup>*

#### **RESUMO**

Neste artigo, abordaremos a transição entre corpo-linguagem (corporeidade) por meio da análise de construções gramaticais da língua como um processo revestido de uma complexidade gradiente. Para tanto, focalizaremos o princípio da iconicidade, manifestada nos processos de progressiva complexidade. Explicaremos a importância de nichos cognitivos criados a partir de experiências socioculturais (em graus distintos de consciência sobre o uso) de onde emergem graus de complexidade para, então, focalizarmos o contexto de aquisição do Português do Brasil (PB) como Língua Adicional (LA) e suas implicações para a fluência linguística. Consideraremos, nessa etapa de estudo, dois chineses (um homem e uma mulher), habitantes da cidade de São Paulo, os quais foram entrevistados por Bi (2013) para sua dissertação de Mestrado. Essas duas amostras são similares em termos de período de migração para São Paulo e de língua materna (LM), que é o chinês. A fim de contribuir com os estudos linguísticos, é objetivo deste artigo analisar os usos das construções infinitivas recolhidas nessas entrevistas para, depois, comparar o resultado com a gradiente de complexidade observada nas amostras de dois falantes idosos (um homem e uma mulher) que têm o PB como LM. Os padrões funcionais verificados permitiram-nos validar a hipótese inicial de que a restrição de acesso a contextos interativos reduziria a fluência gramatical nas LAs, configurando, assim, um paralelo icônico relevante. Adicionalmente, evidenciamos que essa gradiente na complexidade de uso das construções infinitivas pode funcionar como um critério eficiente nas avaliações de fluência no PB como LA, já que revela uma adesão gradativa e constante nas situações de fala. **PALAVRAS-CHAVE:** Iconicidade. Autonomia. Complexidade. Construções não finitas.

#### **ABSTRACT**

Here, we will approach the transition between body-language (embodied language) through the analysis of grammatical constructions of the language as a process constituted of a gradient complexity. To do this, we will focus the iconicity principle, manifested in processes of progressive complexity. We will explain the importance of cognitive niches created from sociocultural experiences (in different degrees of awareness of use) from which degrees of complexity emerge, so that we can focus on the context of acquiring Brazilian Portuguese (PB) as an Additional Language (LA) and its implications for linguistic fluency. We will consider, in this stage of study, two Chinese (a man and a woman), inhabitants of the city of São Paulo, who were interviewed by Bi (2013) for their Master's dissertation. These two samples are similar in terms of the period of migration to São Paulo and the first language (LM), which is Chinese. In order to contribute to linguistic studies, this article aims to analyze the uses of the infinitive constructions collected in these interviews and, afterwards, and to compare the result with the gradient complexity observed in the samples of two elderly

<sup>1</sup> Professora Titular da Universidade de São Paulo (USP), Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição (LinC), Pesquisadora CNPq, [mceliah@usp.br](mailto:mceliah@usp.br), <https://orcid.org/0000-0003-2009-3606>.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Estudos da Linguagem (PROGEL), Grupo de Pesquisa Letramento, Alfabetização, Tecnologia digital e Cognição (LATEC), [renatab.vicente@gmail.com](mailto:renatab.vicente@gmail.com), <https://orcid.org/0000-0003-2028-9449>.

speakers (a man and a woman) who have the BP as LM. The functional patterns verified allowed us to validate the initial hypothesis that restricting access to interactive contexts would reduce grammatical fluency in LAs, thus configuring a relevant iconic parallel. Additionally, we show that this gradient complexity in the use of infinitive constructions can be a good criterion for assessing fluency in PB as LA.

**KEYWORDS:** Iconicity. Autonomy. Complexity. Non-finitive constructions.

## Contextualização

Lera Boroditsky, neurocientista da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, numa dada ocasião, iniciou sua palestra afirmando que “a linguagem é uma das capacidades mágicas que os seres humanos possuem”, e nós tomamos a liberdade de adicionar, sem reparo algum da parte de uma orientação linguística ou didático-pedagógica que nos conforma, que a língua é uma das capacidades mais complexas que os seres humanos desenvolvem ao longo de sua vida. A mágica está na transição de linguagem para língua (gramática<sup>3</sup>). Concordamos com Boroditsky: sem linguagem não haveria língua. Isso permite dizer que a linguagem (atuação do corpo) é primitiva à língua. O fato de usarmos nosso corpo para comunicarmos algo a alguém é justamente o caminho misterioso e mágico da criação das línguas no mundo. É sobre esse maravilhoso objeto de investigação que os linguistas do mundo todo têm se debruçado para dele depreenderem o que somos e como construímos e alteramos esse artefato cultural tão precioso.

Neste artigo, abordaremos a transição entre corpo-linguagem (corporeidade) e língua (gramática) (cf. DAWSON, 2014), um processo tão complexo que pediria uma reflexão já desde os anos iniciais de estudo na formação linguística. Para tanto, focalizaremos um princípio que favorece essa passagem, de modos nem sempre tão óbvios como gostaríamos que fosse. Trata-se da iconicidade manifestada no processo de gramaticalização (complexificação) de construções. Segundo esse princípio, toda construção é motivada, icônica e não-arbitrária (GIVÓN, 2009) e sua manifestação se dá pelo paralelo icônico com quantidade de informação (subprincípio da quantidade ou complexidade), com integração de conceitos ou itens encadeados (subprincípio de integração) e com tempo de duração do processamento da informação tendo em vista sua gradiente complexidade (subprincípio de complexidade cognitiva). Nem sempre, contudo, a manifestação desses subprincípios é transparente ao analista, devido às camadas históricas necessárias para a evolução da construção. É justamente devido à gradiência verificada nos usos que se torna possível mobilizar o princípio de iconicidade para tratar de fluência gramatical mesmo em contexto que dependa do contato com uma diversidade de inputs. Essa diversidade é natural para o falante nativo, que empreende um ciclo de formação inicial já na fase tenra de sua vida e vai gradativamente incorporando construções via interações cada vez mais complexas. Perguntamo-nos se esse mesmo processo se aplica a falantes do PB como LA, em cujas experiências de acoplamento construcional verifica-se a ausência de formação escolar.

<sup>3</sup> Definimos gramática como o sustentáculo das línguas, composto de um revestimento inicial de caráter pragmático-semântico e de um empacotamento sintático-morfológico, cujo output é materializado em termos fonéticos e prosódicos.

Numa ocasião anterior, Lima-Hernandes (2006) definiu exaustivamente o princípio de iconicidade, retomando-o em alguns episódios posteriores em que exercitava a análise de fenômenos gramaticais da língua portuguesa do Brasil (LIMA-HERNANDES, 2009; VICENTE, 2014). A rede de estudiosos que nos fizeram refletir sobre o signo e sua configuração é vasta em extensão e difusa em termos teóricos. Um dos mais ilustres pensadores dessa questão na Linguística foi o austríaco Ferdinand de Saussure (BARBOSA; LOPOMO; LIMA-HERNANDES, 2016), que teve seu nome indissociavelmente ligado à prima escola estruturalista, mãe das duas escolas mais influentes da Linguística no final do século XX: a Sociolinguística e o Gerativismo. Hoje, numa visão mais ampla dos pressupostos teóricos, essas escolas podem ser integradas, respectivamente, ao Funcionalismo e ao Formalismo, ambas apoiadas em contribuições dos avanços das Ciências Cognitivas.

Muita água, assim, rolou dessa fonte, e suas gotas respingaram no que já havia sido produzido, levando os pesquisadores a repensarem encaminhamentos metodológicos e mesmo a revisitarem algumas ideias fundantes da Linguística ocidental tradicional<sup>4</sup>, especialmente seus rótulos tão meticulosamente lapidadores de objetos<sup>5</sup>. O resultado foi o fortalecimento de uma maioria das proposições que davam sustentação ao próprio fazer científico e, conseqüentemente, à identificação de métodos inovadores. Creemos que o marco dessa atual revisão centre-se nas contribuições dos estudos sociocognitivos derivados dos estudos sobre gramaticalização, os quais romperam a fronteira entre cada um dos subsistemas linguísticos (fonologia, morfologia, sintaxe), incluindo aí a Pragmática, uma espécie de vizinha estrangeira, cujos meandros foram pouco conhecidos durante muito tempo. Num balanço atual, podemos dizer que estamos no início do avanço de uma consciência interdisciplinar dos estudos Linguísticos, por isso propomos analisar as construções não-finitas produzidos por falantes de LM e de LA, de modo a estabelecer a relação entre linguagem e língua, numa abordagem que destaque a corporeidade e a cognição.

## 1. O mecanismo que rompe o hiato corporeidade > gramática

A semente que propicia o desenvolvimento do indivíduo concentra uma herança filogenética pouco discutida durante toda a formação universitária no campo de Letras e de Linguística. Esse período de maturação individual torna um sistema com funcionamento em baixo nível de atenção e, conseqüentemente, em baixo nível de consciência num exercício autônomo, atento e consciente no mundo da linguagem. Alguns fatores propulsores desse desenvolvimento constituem força ímpar para que saltos de aprendizagem e de conscientização impactem a mente. Por outro lado, a autonomia na condução da vida e a lapidação identitária constituem-se fatores primordiais para a inserção do

<sup>4</sup> Distinguimos aqui Charles Sanders Peirce (1839-1914) – a partir de conceitos da Lógica, da Matemática e da Filosofia, abriu um espaço de reflexão na Semiótica – e Ferdinand de Saussure (1857-1913) – que impulsionou a criação da Linguística como ciência autônoma –, que foram contemporâneos que na discussão do signo e de sua configuração.

<sup>5</sup> É o caso de L1, L2 e LM, que, em decorrência das dinâmicas de populações e mesmo do melhor exame das regiões com histórico de colonização, ganharam maior elasticidade e, em algumas abordagens, até mesmo um rótulo melhor adaptado ao contexto, tais como as línguas de herança (LH), línguas de raiz (LR) línguas de acolhimento (LAc) e as línguas adicionais (LA).

indivíduo consciente no mundo, razão pela qual pedem uma discussão mais aprofundada de modo a que se estabeleça a correlação entre linguagem e consciência. Em medida similar, tais experiências requerem ações voltadas para atender a objetivos formativos em instituições envolvidas na instrução de professores e de pesquisadores do campo da Linguagem.

Dado o enquadramento sociocultural que emoldura a ação em políticas públicas voltadas para o campo da linguagem e dadas as mudanças obrigatórias para uma sociedade mais consciente, torna-se imperativo responder à seguinte questão neste momento: como atua o princípio de iconicidade nos usos interativos em contextos específicos de LM e LA? Selecionamos como exemplo a etapa da vida humana em que todos os acoplamentos socioculturais já se estabilizaram: a fase idosa. No contexto brasileiro, providenciaremos a explanação baseada na dúvida sobre a medida exata do tempo em que o avanço da idade reduz algumas possibilidades agentivas. Para tanto, a fim de contemplar os estudos sobre iconicidade, organizamos o texto em seções que priorizam, respectivamente, a cooperação, a consciência e a autonomia. Isso permitirá a análise de alguns dados oriundos de entrevistas realizadas por membros do Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição (LinC-USP) nos quais consubstanciamos a complexificação das construções não-finitas e em que medida os dois grupos se aproximam nos usos em termos gramaticais.

## 2. Cooperação como fator de autonomia

Somos seres cooperativos por natureza (TOMASELLO, 2003, 2009), e é justamente a cooperação a responsável pelo desenvolvimento sociocultural e consequente evolução de intercompreensão por meio de elementos linguísticos. Um ser que não se dispõe a cooperar reserva-se à margem da continuidade ou de progressos linguísticos fundados na dinâmica sociocultural, não contribuindo nem usufruindo dos benefícios do auxílio mútuo. Todas as instâncias da sociedade projetam-se como espaços propícios à interação e à cooperação entre coespecíficos. É o que ocorre com a família, com as escolas e também com as universidades, que fazem transitar para os mais jovens conhecimentos do passado, até que eles próprios possam ocupar esse papel de cooperadores, agregando conhecimentos, manipulando contextos e reconstituindo saberes. Também é assim nas empresas, que criam uma hierarquia baseada na progressão das habilidades requeridas; nas associações, que aproximam os que não se encontrariam de outra forma se não houvesse aquele espaço; e mesmo em simples reuniões de amigos, que juntam espaços e temas de conversas que se desenvolveram em outros planos paralelos. Nessa perspectiva, todas as instituições estão a serviço dessa lógica, desde que haja o interesse do indivíduo.

Todo indivíduo, por sua vez, integra cada espaço de atenção conjunta para experienciar, exercitar, aprender e ensinar. Desde os momentos de gestação do bebê, uma cadeia de cooperação se estabelece entre humanos. Nos momentos de amamentação, por exemplo, mãe e bebê fitam-se continuamente, um aprendendo com o outro a ler intenções mútuas. Esses momentos traduzem-se em exercícios de focalização de atenção (depois, no tempo ideal, metaforizados em focalização na linguagem), os quais mobilizam sentimentos e emoções voltados para a troca de ações (e interações) imprescindíveis para a sustentação da relação desse bebê com as personagens das redes de relações que construirá.

Os momentos significativos, como outros relevantes na formação individual, codificam-se na mente e revelam-se continuamente disponíveis nas reações deflagradas em variadas experiências cotidianas. Em cada um desses momentos, sinapses fundamentais ocorrem e se fortaleçam na replicação de similares caminhos pela vida afora: os caminhos da intimidade que começam a ser percorridos estarão sempre permeados – em contexto idealizado – pela sensação de conforto e de saciedade. Essas ações e atitudes serão iterativas e se tornarão hábitos de perscrutação do outro para lhe depreender a intenção.

Lacunas, vãos, hiatos, vácuos, a despeito desse conforto e saciedade, permanecerão num devir, com hipótese de contínuo preenchimento. Essa insaciedade precisará existir para que o indivíduo seja impelido ao movimento que demanda o existir. E esse sempre incerto e inexato preenchimento de lacunas, na espécie humana, tem resposta eficaz na conexão via focalização de atenção, o que explica a atuação icônica na cooperação humana. O olhar, o movimento corporal, o toque, a sonoridade e o paladar – sensações mistas e cinestésicas – produzem a sensação de prazer, que, em tese, está na base do que de mais relevante temos para seguir adiante como seres capazes e confiantes: o sabor da felicidade, a felicidade de compreender e ser compreendido, a felicidade de poder interagir eficientemente, alcançando os objetivos pragmático-discursivos. O simples monitoramento do processamento interativo já implica uma gradação de consciência.

### 3. Consciência e desenvolvimento humano

Até o início deste século, praticamente nenhum linguista se atreveu a tratar de “consciência”, a menos que estivesse num contexto de discussão ética, de interação com psicólogos ou mesmo em grupos interdisciplinares de que participam psiquiatras. A verdade é que, desde o final do século passado, esse tema já tem alcançado proporções de aplicação em vários campos nos EUA, graças às descobertas de António Damásio, que aplicou técnicas de ressonância magnética funcional para demonstrar a diferença entre emoção e sentimento por meio de respostas a experimentos humanos. Foi revolucionário, sim, principalmente porque, a partir de então, pudemos falar cientificamente sobre emoções e sentimentos também no campo da Linguística<sup>6</sup>. O físico Said Rabbani, professor do Instituto de Física da Universidade de São Paulo, costuma dizer que é chegado o tempo em que estudar a avaliação/valoração atribuída por humanos não dependerá exclusivamente de perguntas e respostas. Basta, ainda segundo ele, usarmos de ressonância magnética funcional para verificarmos as tendências e relações desenhadas em termos de ativação/desativação dos processos sinápticos. Estando num país em que a “Alta Ciência” ainda desconhece que linguistas fazem Ciência, consideramos pouco provável ainda hoje que tenhamos acesso a equipamentos tão modernos para as descrições que fazemos. Seguimos o caminho do exame e descrição pormenorizada de efeitos do discurso. Vejamos estes relatos e a forma como são elaborados:

---

<sup>6</sup> A área que já fazia isso há muito tempo como técnica de ensino e aprendizagem era a Educação, é bom que se lembre, mas o afeto entrava como forma de reforçar aprendizagem específica sob a égide da Psicologia Escolar.

Tentei compor esta biografia **como se já estivesse morto**, no outro mundo, e **de lá me tivesse vindo a ideia de fazer um apanhado geral do que teria sido minha vida**. Isto não foi difícil, porque a vida já está em vias de me dizer adeus [Ele faleceu pouco tempo depois de redigir o ensaio autobiográfico]. Ao redigir estas linhas, devo dizer que não tive a menor preocupação quanto ao estilo. (DARWIN, Charles. Esboço Autobiográfico, *A Origem das Espécies*, Tomo III, 2018[1876]. Destaque nosso)

Por mais que, para nós, ocidentais, a concepção da pessoa como um universo cognitivo e motivacional delimitado, único e mais ou menos integrado, um centro dinâmico de percepção, emoção, juízos e ações, organizado em uma unidade distinta e localizado em uma situação de contraste com relação a outras unidades semelhantes, e com seu ambiente social e natural específico, nos pareça correta, no contexto geral das culturas do mundo ela é uma ideia bastante peculiar. Em vez de tentar encaixar a experiência das outras culturas dentro da moldura desta nossa concepção, que é o que a tão elogiada “empatia” acaba fazendo, **para entender as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção e busquemos ver as experiências de outros com relação à sua própria concepção do “eu”**. (GEERTZ, 2000 *apud* LIMA-HERNANDES, 2015, p. 18. Destaque nosso)

Em cada um desses autores (vide trechos destacados), surpreendemos um sujeito escrevente afastado de seu centro dêitico, preocupado em recompor uma perspectiva que não a sua (pelo menos não a do tempo *realis*), reverberando essa ‘viagem’ para o momento em que escreve. Essa capacidade de abstração decorre da presença da teoria da mente (a capacidade que o indivíduo tem de se projetar para o lugar de outros coespecíficos); mais do que isso, ela decorre da presença de uma consciência de si numa dinâmica que foge à agentividade protagonista. O escrevente é coadjuvante das próprias ideias que serão lidas num tempo futuro e remoto por indivíduos em níveis distintos de consciência, a que nomearemos *self* (para nos compatibilizarmos com a proposta do neurocientista Damásio), considerando-o como autor. O que podemos extrair disso é que um indivíduo num exercício altamente refinado de reflexão autobiográfica é aquele que tem a capacidade de distanciar-se de si e alcançar o outro ao mesmo tempo em que imprime sua marca autoral. Vemos, aqui, um paralelo icônico entre uma ação mais complexa gramaticalmente construída por um indivíduo em uma condição mais complexa de consciência autobiográfica.

Mais recentemente, especialmente devido aos desenvolvimentos teóricos providenciados por Damásio (2011[2009]), áreas diversas em objetos de interesse passaram a repensar conceitos e aplicações. Esse foi o caso das Neurociências. Este é o caso da Linguística Cognitiva, que não é uníssona em pressupostos, mas que visa ao mesmo objeto e foco de atenção. De acordo com as descobertas de Damásio, o cérebro constrói a consciência gerando um processo do *self* em uma mente em estado de vigília processualmente representada em três estágios: o *protoself*, o *self central* e *self autobiográfico*. Não são estágios autônomos, nem independentes em sua evolução e desenvolvimento; há uma relação de maturação esperada para o próximo estágio, em cuja base está implicado o anterior,

tal como *scaffoldings* (DAWSON, 2014; GIBBONS, 2015)<sup>7</sup>, mas a cada nova experiência vivenciada projeta-se um indivíduo em seu *protossself*.

No momento em que o indivíduo encontra-se num estágio inceptivo de desenvolvimento cognitivo, insere-se no estágio do *protossself*, que representa o próprio organismo (ou a parte biofísica, se é que podemos fazer essa separação) e consiste em uma reunião de imagens que descreve aspectos relativamente estáveis do corpo e gera sentimentos espontâneos do corpo vivo. Já, na fase em que o indivíduo é capaz de relacionar, de interpretar um objeto a ser conhecido, Damásio o classifica no estágio do *self central*. Depende, naturalmente, do estágio anterior ter ocorrido, pois ele é base para o seguinte. Isso significa dizer que todos os seres humanos teriam passado por aquele estágio, exceto os bebês acéfalos ou com transtornos outros que impediriam a constituição do organismo funcional. Quando um *self autobiográfico* entra em campo, a mente já é capaz de relacionar múltiplos objetos, tais como uma experiência vivida ou um futuro antevisto, promovendo a interação com o *protossself* de modo a produzir pulsos de *self central* em profusão. Logo, do ponto de vista evolucionário, numa abordagem neurocientífica e numa metodologia de neuroimagem, já é possível reconhecer que, no estágio do *protossself*, os processos de *self* orientam e organizam a mente em função das necessidades físicas e biológicas do indivíduo, dando condição para a sua sobrevivência. Nessa fase, provavelmente não há a consciência, no sentido mais estrito, ou seja, o ser humano ainda não adquiriu o conhecimento que lhe permitiria vivenciar ou compreender aspectos ou a boa parte do mundo interior.

À medida que o ser vive suas experiências no mundo em que está inserido, começa a gerar nessa mesma mente uma dinâmica de subjetividade, que o torna um ser consciente. Nessa fase, as informações adquiridas culturalmente começam a ser usadas para obter e acumular novos conhecimentos sobre o indivíduo. É quando se alcança um nível de processamento mais complexo: o *self central*. A partir desse novo degrau de evolução (e também de desenvolvimento), passará a ganhar *expertise* na replicação de processos necessários para solucionar problemas. Poderá, inclusive, transferir um modo exitoso para outra cena dramática que demanda alguma resposta. Dando continuidade ao processo evolutivo, já no terceiro estágio, o indivíduo passa a raciocinar sobre o seu conhecimento e sobre a forma como ele próprio reage em determinados contextos. Nessa fase, o indivíduo vivencia, experimenta e/ou compreende aspectos ou uma boa parte de seu mundo interior.

---

<sup>7</sup> “Critically, our ability to alter the environment does not mean that we are decoupled from it. Humans actively manipulate and create their world, but dynamically respond to it too. This means that cognitive scaffolding is not without constraints. Artifacts, equipment, or technologies that provide scaffolding exist at the interface between a person and the world. Successful scaffolding will reflect this embedding, and be successful because it is appropriate to the possible actions available to the person that takes advantage of it. It would seem, then, that an examination of the nature of artifacts that are pervasive in human societies should reveal a great deal about human cognition”. (DAWSON, 2014, p. 64). Tradução sugerida: De maneira crítica, nossa capacidade de alterar o meio ambiente não significa que estejamos separados dele. Os humanos manipulam e criam ativamente seu mundo, mas também respondem dinamicamente a ele. Isso significa que o andaime cognitivo não é isento de restrições. Artefatos, equipamentos ou tecnologias que fornecem andaimes existem na interface entre uma pessoa e o mundo. O andaime bem-sucedido refletirá essa incorporação, e será bem-sucedido porque é apropriado para as possíveis ações disponíveis para a pessoa que tira vantagem dele. Parece, então, que um exame da natureza dos artefatos que são difundidos nas sociedades humanas deveria revelar muito sobre a cognição humana.

A passagem de um estágio para outro não se representa por uma gradação experienciada compulsoriamente. Na verdade, deve haver o empenho do indivíduo autônomo na busca por si mesmo em cada ação, na busca por uma reflexão mais aprofundada sobre seu papel nos vários mundos que habita (*realis e irrealis*). É dessa busca que a subjetividade se desnuda e se expõe mais nitidamente. Na ciência das Humanidades, o passo previsto é a descoberta da consciência como chave para o avanço da espécie. A sensibilidade (percepções) e o entendimento (organização de conteúdos impactados pelas percepções) transformam-se em conhecimentos e conceitos, com um guia inato para todos da espécie: a organização e reorganização de espaço-tempo experienciados e, em cada um desses fragmentos, a expansão do conhecimento sobre si. Seria, assim, a organização espaço-temporal uma forma de driblar a entropia sistêmica e de produzir a adaptação e a sobrevivência (anotropia), consequentemente a consciência da felicidade.

#### 4. Condições de felicidade e gradação da complexidade

Interrogando-se sobre o papel cognitivo da linguagem e sobre o estatuto das palavras e das sentenças quanto a serem meros veículos de ideias, Clark (2006), alinhado aos pressupostos das Ciências Cognitivas, inova em sua discussão. Propõe que concebamos linguagem como um *locus* em que *nichos cognitivos*<sup>8</sup> são desenvolvidos de modo a impactar continuamente as habilidades linguísticas.

Essa proposta permite pensar a construção da subjetividade e da consciência sobre essa intersubjetividade como elementos correlacionados e interdependentes a partir de nichos cognitivos. Uma boa ilustração dessa interação entre nichos pode ser vislumbrada pela relação de continuidade presente nas concepções de sujeito (uma pessoa individuada, humana e animada, capaz de agenciar ações) e de sujeito sintático (uma categoria composta a partir de um feixe de traços semântico-sintáticos<sup>9</sup> derivados das intenções de representar e referenciar graus de agenciamento e/ou controle de ações, eventos e estados). Poderíamos nos perguntar, em primeira instância, a causa de se discutir o sujeito na escolarização de crianças/adolescentes e na formação de professores e de linguistas? Clark responderia que o conceito de indivíduo num mundo pouco concreto em essência dependeria de todo o sentimento e emoção vivenciados, conjugados à própria intenção de referenciá-los ou representá-los intencionalmente em termos de graus de codificação discursivo-pragmática. Essas formas gradientes de codificação subjugam-se a repertórios acoplados e disponíveis para futuras interpretações.

Se tudo o que se sente, se emprega, ou se pensa pode ser comentado, logo ser codificado em linguagem, então toda intenção é passível de representação. Algumas poderosas habilidades, segundo Clark, podem tornar o sujeito algo mais complexo num exercício contínuo:

<sup>8</sup> Por nicho cognitivo o autor entende: “I mean an animal-built physical structure that transforms one or more problem spaces in ways that (when successful) aid thinking and reasoning about some target domain or domains.” (CLARK, 2006, p. 370). Tradução sugerida: Refiro-me a uma estrutura física construída por animais a qual transforma um ou mais espaços de problemas de maneiras que (quando bem-sucedidas) ajudam a pensar e raciocinar sobre algum domínio ou domínios alvos.

<sup>9</sup> O sujeito é analisado pelos linguistas funcionalistas com base em alguns traços, dentre os quais estão humano, animado, tópico, individuado, definido etc.

- a) avaliar o próprio desempenho na solução de problemas (*self-evaluation*);
- b) identificar pontos frágeis no próprio desempenho (*self-criticism*);
- c) tentar sistematicamente para treinar as próprias habilidades e repará-las (*self-improvement*);
- d) avaliar a solidez e a qualidade dos próprios argumentos (*self-reflection*); e
- e) pensar sobre as condições sob as quais se pensa melhor e tentar reconstituí-las (nível meta-meta).

Se realizamos essas ações – e sabemos que o fazemos vez ou outra –, necessariamente teremos palavras e expressões – preferimos construções – que façam referência a essas ações de modo satisfatório. A despeito da hipercomplexidade da ação contida na alínea (e), precisamos, sim, de encaixar os termos e palavras já bem conhecidos num contexto tal e de tal modo que o sentido-meta se faça vinculado ao contexto de uso por uma razão muito simples: a língua e a linguagem – para que não restem dúvidas sobre a abrangência – processam-se vinculadas a contextos reais de uso.

A dinâmica, não podendo ser isolada do contexto (ABRAÇADO; DIAS; LIMA-HERNANDES, 2017), reveste-se deste como *locus* de ações, nada original, porque todo contexto de ação é “uma herança cultural cumulativa” (LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2013, p. 63) que segue se adaptando ao modo imposto pelo próprio agente:

a linguagem reflete um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas, integradas com o resto da psicologia humana, isto é, sua estrutura é consequente de processos gerais do pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados em situações de interação com outros indivíduos. (LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2013, p. 67)

Dito de outro modo, se sentenças contêm o sentido primário para que o pensamento seja capaz de se tornar o objeto da atenção, são as construções que podem ser objetos de atenção e de reflexão porque são frutos de dinâmicas socioculturalmente empreendidas (GIVÓN, 2005, 2009; BYBEE, 2010; TRAUOGOTT; DASHER, 2005; MARTELOTTA, 2008; LIMA-HERNANDES, 2010; VICENTE, 2014; RIBEIRO, 2014; DEFENDI, 2013). A língua constitui-se, dessa forma, como um supernicho cognitivo que permite a construção de novos nichos cognitivos a serviço das metas pragmático-discursivas, codificadas morfossintaticamente em suas potencialidades semânticas, revestidas, por fim, de prosodemas e de fones. Sendo assim, tudo está intrinsecamente ligado tendo em vista as metas comunicativas. Essa falta de autonomia entre os subsistemas, no entanto, garante manifestações cada vez mais forjadas na complexidade do uso por indivíduos ao longo de sua vida. Tratemos, então, desse aparente paradoxo, o da autonomia individual em face da potencialidade pragmático-discursiva.

## 5. O contexto de restrição da autonomia

Um trabalho em especial nos despertou para a autonomia no mundo da linguagem. Trata-se de Penha (2018), que, num formato experimental, focaliza a autonomia de idosos institucionalizados. Seria possível que indivíduos totalmente autônomos em seus movimentos físicos e em seus movimentos de linguagem sofressem algum tipo de restrição somente por serem institucionalizados? Ou ao reverso: ser privado de interações espontâneas com a sociedade mais ampla afetaria o processamento dos *inputs* mais diversificados? Esse autor apresentou aos idosos registros audiovisuais em que pessoas de grande projeção na mídia televisiva combinavam gestos e fala na codificação de uma informação específica. Tanto os idosos com *Alzheimer* quanto os idosos típicos (sem qualquer diagnóstico de demência ou de *Alzheimer*) foram convidados a participar da tarefa de identificação desses gestos a fim de checar a memória sociopragmática. Os resultados evidenciaram que os dois grupos de idosos reagem de forma diferente e que o experimento poderia ser ferramenta útil de discernimento no campo da linguagem, nos momentos de fechamento de diagnóstico: os idosos típicos conseguiram entender os dois planos de linguagem (corporeidade e cadeia sintática), usando-os concomitantemente para a compreensão da intenção; já, os idosos com *Alzheimer* sequer conseguiram prestar atenção ao gesto e a essa combinação, revelando a fragilidade do sistema atencional, um componente de suma importância para a apreensão da pragmática em contextos interativos. Alguns idosos típicos há mais tempo institucionalizados, no entanto, revelavam comportamento similar aos do outro grupo, provavelmente pelo distanciamento de uso dessas estratégias no ambiente restrito<sup>10</sup>. Outro dado relevante é a anomia, presente nos dois grupos em graus distintos. Esse estudo revelou algo para além da doença implicada ou mesmo da faixa etária selecionada. Levou-nos a pensar sobre o efeito de ambientes restritivos sobre o desempenho na linguagem. Essas conclusões ratificam o que o psiquiatra Del Nero (1997) afirmara anos atrás: a restrição em termos de corpo/mente pode denunciar mentes sitiadas por outras doenças e transtornos.

Com uma vasta experiência didático-pedagógica no campo da Sintaxe, notamos que essa restrição pode ser lida em termos de aquisição de LA. A imersão numa outra língua- cultura revela uma gradação de autonomia individual que pode ser flagrada em contextos de gradativa inserção social, especialmente se houver uma situação de imersão, em cujos momentos inceptivos será inevitável não se encontrar apartado de contextos mais amplos de espontaneidade na interação. Para explicar esse tema da importância de nichos cognitivos criados a partir de experiências socioculturais (em graus distintos de consciência sobre o uso), evidenciar a complexidade envolvida e focalizar o contexto de aquisição de LA, utilizamos amostras de entrevistas com chineses na cidade de São Paulo, coletadas por Bi (2013) para sua dissertação de mestrado. Nesse conjunto de dados, os chineses precisam manter o foco no que produzem porque estão atuando na língua portuguesa em baixo índice de *inputs* diversificados, logo utilizando como base sua língua chinesa (com alto índice

<sup>10</sup> Consideramos *ambiente restrito* aquele que acolhe idosos e lhes restringe o livre acesso a ambientes externos, franqueando visitas, em maior parte, a familiares.

de *inputs* diversificados). Nesse contexto específico, focalizaremos as interlínguas. Para demonstrar a correlação entre o repertório comunicativo e a complexidade de codificação sintático- semântica, selecionamos o uso dos verbos em sua forma nominal de infinitivo e suas diversas funções de uso. A justificativa para essa escolha deve-se ao fato de que o infinitivo percorre e desenha sua história na gramática da língua portuguesa como uma forma que vai acoplando gradativa complexidade de uso no decorrer da evolução linguística e, em sincronia, esse espectro funcional pode ser surpreendido, em maior grau, na fala e na escrita de falantes nativos.

Uma vez que lidar com LAs pressupõe tomar como base de comparação a fluência nativa, seria possível verificar em que medida essas funções são mobilizadas no discurso de chineses, moradores de São Paulo, conversando em língua portuguesa do Brasil (PB) com outra chinesa já fluente nessa língua. Depreenderemos, dessa amostra, os padrões de uso com base nas frequências *token* e *type* porque essa correlação permitirá depreender o espectro de usos e funções.

Consideramos para o estudo dois chineses (um homem e uma mulher) com período similar de migração para São Paulo e ambos com língua materna chinesa. A partir dos usos verbais, distinguidos em padrões funcionais e quantificados em termos de uso, passaremos ao cotejo com duas outras entrevistas feitas com paulistanos cultos (um homem e uma mulher) e publicadas no acervo livre organizado por Lima-Hernandes e Vicente (2012). A ideia é extrair os padrões de uso de LM, aplicar os conceitos e critérios discutidos por Clark e explanar as diferenças de usos num quadro de interlíngua (em contexto de imersão em PB como LA) justamente porque alimentamos a hipótese de que o paralelo entre a complexidade de uso e a construção empregada revelaria uma representação icônica a partir dos usos.

## 6. Usos em dois enquadramentos distintos: LM e LA

### 6.1. Usos do PB em LM

Ambos os falantes que concederam as entrevistas e de que extraímos os dados desta etapa da pesquisa são paulistanos cultos de 90 anos, aposentados como pesquisadores de uma universidade pública de São Paulo. Extraímos todas as formas verbais que foram usadas no infinitivo, organizamo-las em padrões, que, depois, foram quantificados. Para tornar mais claro sobre o que tratávamos, ilustramos cada padrão com excertos das entrevistas de ambos. Nem sempre, os dois entrevistados usaram o mesmo padrão, razão por que, em alguns casos, apresentamos apenas um exemplo.

Nas tabelas, a seguir apresentadas, serão expostas instâncias em que um falante culto paulitano do PB embute o infinitivo, sob conformações distintas, a fim de codificar suas intenções (plano pragmático-discursivo). Temos consciência de que nem todos estão presentes na tabela, mas já temos aí uma amostra do espectro selecionado por dois entrevistados com similar perfil. Na coluna 1, priorizamos informações relativas aos tipos de construções que se materializam envolvendo o uso do infinitivo; na 2, apresentamos uma sumária descrição das padronizações que identificamos; na 3, expomos a quantidade desses padrões nas entrevistas; e, na última, incluímos as ilustrações com seus trechos.

**Tabela 1:** Grupo I: Construções Perifrásticas - Mapeamento das construções perifrásticas verbais (V1 + V2)

Construção	Padrões funcionais V1+V2	Token	Exemplos
Locucional	a) <b>ir + inf.</b> intenção > tempo futuro	31	<b>vamos fazer</b> uma revista em que não é nós (Paulistano, 90 anos) eu <b>vou dizer</b> que meu filho tá muito doente ... (Paulistana, 90 anos)
	b) <b>chegar a + inf.</b> empenho, esforço	5	<b>cheguei a ter</b> convite da universidade da Califórnia (Paulistano, 90 anos)
	c) <b>procurar + inf.</b> empenho, esforço	1	<b>procurei</b> então <b>dar</b> uma uhn:: formação para leitores brasileiros no estrangeiro. (Paulistano, 90 anos)
	d) <b>vir + inf.</b> Intenção	1	“ah eu <b>vim ver</b> aqui doutora B. pra ver se eu descolo um dinheiro ... (Paulistana, 90 anos)
	e) <b>conseguir + inf.</b> empenho, esforço	1	assim eu <b>consegui fazer</b> o tal relatório e entreguei ao Itamaraty (Paulistano, 90 anos)
	f) <b>poder + inf.</b> empenho, esforço	13	bom a gente não <b>pode avaliar</b> mais o valor do dinheiro né? (Paulistano, 90 anos) eu <b>posso ficar</b> lendo aí quando eu sair eu já sei (Paulistana, 90 anos)
	g) <b>querer + inf.</b> volição > futuro	7	nós <b>queremos modernizar</b> constantemente (Paulistano, 90 anos) eu não <b>quis falar</b> nada mas fiquei TÃO assustada... (Paulistana, 90 anos)
	h) <b>dever + inf.</b> necessidade>obrigação incerteza	4	... a gente <b>deve ... saber</b> (Paulistana, 90 anos) já existia uma máquina que <b>deve ser</b> o protótipo do do xérox né (Paulistano, 90 anos)
	i) <b>começar + a + inf.</b> fase inceptiva	1	os médicos também <b>começaram a chegar</b> ... ficar lá pra ver a projeção... (Paulistana, 90 anos)
	j) <b>voltar + a + inf.</b> Iteração	1	mas <b>volto a dizer</b> pra vocês eu gosto da minha profissão ... (Paulistana, 90 anos)
	k) <b>ter que + inf.</b> necessidade>obrigação	8	e a gente <b>tem que</b> também que se <b>inteirar</b> disso. (Paulistana, 90 anos)
	l) <b>inf. + particípio</b> perfectividade	1	só ... pelo fato de você <b>ter feito</b> aqui na coisa” (Paulistana, 90 anos) <b>Locução temporal: Ter + V. Particípio passado</b>
	m) <b>inf. + inf.</b> tomada atitude inesperada	1	... num é você <b>chegar dizer</b> ... “ah ela vai morrer” e tira o corpo fora (Paulistana, 90 anos)
<b>Subtotal</b>	<b>13</b>	<b>75</b>	

Fonte: elaboração das autoras

Na tabela 1, priorizamos a construção perifrástica V1+V2, em que V2 contribui com a semântica central da ação e V1 funciona como um verbo quase-auxiliar em que sua semântica original é opacizada em favor da função mais gramatical de carregar marcas de tempo, modo, pessoa, agregada ao aspecto ou Aktionsart relativo à ação central. Todas as funções identificadas codificam a perspectiva atinente ao falante. Somente a (l) evidencia a tônica voltada para a ação em si, demarcando-lhe o tempo e a conclusão da ação. Completa esse conjunto a tabela 2, que inclui dois exemplos de verbo suporte em que a construção decorre da junção de um verbo leve seguido de um sintagma nominal. Juntos, constroem o sentido da ação, nem sempre parafraseável de modo perfeito por outro verbo (ter condição).

**Tabela 2:** Mapeamento das construções perifrásticas verbais: verbos suporte (V1+ SN)

n) <b>Verbo suporte</b> (verbo leve + N)	2	Verbo suporte é você <b>ter condição de</b> esTUDos (Paulistana, 90 anos) porque isso é <b>dar um DOCUMENTO</b> ... (Paulistana, 90 anos)
---	---	---

**Fonte:** elaboração das autoras

No exemplo (n), “dar um documento” é uma expressão corrente que equivale a “documentar”, “autorizar”, muito usual no português popular como “passar o cheque”, ambos equivalentes a tornar oficial algo que não deveria ser.

Um segundo conjunto de padrões nasce num nível mais complexo, o das orações subordinadas. Cada uma dessas construções codifica intenções discursivo-argumentativas:

**Tabela3:** Grupo II: Construções com Combinação de Orações - Mapeamento das construções discursivo-argumentativas – Orações subordinadas

oração substantiva Reduzida	a) <b>Subjetiva</b> Avaliação	9	num é capaz nem de contar o dinheiro dela” (Paulistana, 90 anos) éh::... bastante dizer que ele tinha cinco por cento de toda a produção de petróleo do mundo... com a ditadura... (Paulistano, 90 anos)
	b) <b>Objetiva direta</b> opinião/decisão	3	“cê num nega ser do Paraná” (Paulistana, 90 anos) mais uma vez mas sempre/ éh:: rejeitei a aceitar... (Paulistano, 90 anos)
	c) <b>Objetiva indireta</b> Relato	1	havia um problema... — esqueci de trazer lenço to com problema de ... ah (Paulistano, 90 anos)
	d) <b>Completiva nominal</b> Relato	8	e eu era obrigado a dizer não porque não era um tipo de favor (Paulistano, 90 anos) eu tenho a liberdade de falar com você ... sobre esse problema ... (Paulistana, 90 anos)
oração adverbial reduzida	e) <b>Final</b> plano/intento	10	“professora ... eu tô pronta pra refazer o meu doutorado” (Paulistana, 90 anos) tive recebido até convite para ir para a Universidade de Coimbra (Paulistano, 90 anos)
	f) <b>Modo</b> relato pormenorizado	1	nós ficávamos o primeiro semestre inteiro quase sem entender uma palavra que ele pronunciava né (Paulistano, 90 anos)

oração adverbial reduzida	g) <b>Tempo</b> delimitação da sensação relatada	1	eu fico assim boba de ver (Paulistana, 90 anos)
Construção reduzida Aditiva (inovadora)	h) <b>além de + inf.</b> sinalizar informação mais óbvia compartilhada depois da mais importante	1	eu dava aula junto com ela ... além de fazer o MEU trabalho (Paulistana, 90 anos)
<b>Subtotal</b>	<b>8</b>	<b>34</b>	

**Fonte:** elaboração das autoras

Durante um relato pessoal sobre a trajetória de vida profissional, era esperado que os entrevistados lançassem mão de construções discursivo-argumentativas que se prestassem a construir um quadro de sua identidade conjugado ao quadro textual demandado. Para essa conexão discursiva, selecionaram construções típicas de relatos pessoais (a, c, d), em que se encaixaram as opiniões e os marcadores de decisões tomadas (b), além dos planos e dos intentos (e). Ao fazerem isso, colocaram a serviço dessas construções algumas estratégias mais refinadas, como a pormenorização da informação (f), a delimitação de sensação vivenciada (g), a hierarquização de informações segundo seu julgamento de importância (h).

Um terceiro conjunto de padrões atua no plano da organização do discurso em si, da hierarquia das informações, especialmente mobilizadas em decorrência do monitoramento do entrevistador. Logo, algumas construções sinalizam a intenção de revestir de maior clareza e objetividade o que diz.

**Tabela 4:** Grupo III. Construções discursivo-conversacionais – LM - Mapeamento das construções discursivo- conversacionais

Marcador Discursivo	a) <b>quer dizer</b> retificador	2	esses pesquisadores desenvolveram um trabalho muito grande né/(quer dizer) ao lado da publicação da revista né (Paulistano, 90 anos)
	b) <b>quer dizer</b> ratificador/ iterativo	3	nós fizemos na/ na no instituto quer dizer trouxemos para a universidade de são paulo (Paulistano, 90 anos) – ratificadora
	c) <b>quer dizer</b> conclusivo	3	é uma geração ... muito ... apegada a um conceito de domínio colonial ainda ... quer dizer tratava o Brasil como tratava as colônias portuguesas na África ... (Paulistano, 90 anos) conclusivo
	d) <b>deixa eu ver</b> digressivo	2	por exemplo é o número QUarenta e dois não é... deixa eu ver quem já era diretor nessa época... era a M. quem era a diretora (eu já tinha me demitido) (Paulistano, 90 anos)
<b>Subtotal</b>	<b>4</b>	<b>10</b>	

**Fonte:** elaboração das autoras

Assim, posto que dedicados ao esforço do entrevistado em fazer o interlocutor compreender elementos contidos em seu relato (a, b, c), alguns marcadores conversacionais são empregados. No entanto, em dois casos, o emprego é feito para sinalizar uma pausa no curso do discurso dialógico e, ao mesmo tempo, o início de uma digressão (d).

Um último conjunto de padrões com infinitivo é composto por aqueles em que a forma verbal já não desempenha, de fato, função verbal. Apenas sua forma se manteve inerte, enquanto a função já está enredada em uma construção de função nominal sem os atributos gramaticais de origem.

**Tabela 5:** Grupo IV. Construções lexicalizadas - Mapeamento das construções derivadas do processo de lexicalização

Uso lexicalizado	a) <b>dinamicidade do tempo</b> verbo > nome	1	... depois desapareceram com <b>o decorrer</b> do tempo né (Paulistano, 90 anos)
	b) <b>desconexão de ideias</b> adv+prep+verbo > verbo	1	isso não <b>tem nada de ver</b> com a população... (Paulistano, 90 anos)
	c) <b>aproximação de ideias</b> Nome + prep + verbo dicendi	1	ainda hoje sustenta todo o trabalho de intercâmbio cultural ... de Portugal com o mundo inteiro — com o mundo inteiro <b>modo de dizer</b> (Paulistano, 90 anos)
<b>Subtotal</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	

**Fonte:** elaboração das autoras

Trata-se de construções de uso pouco frequentes, mas que revelam uma imantação de um item autônomo sintático-semânticamente para dentro de um conjunto de termos, que, em bloco, se tornam uma construção unívoca com manutenção e persistência de alguns traços originais. Nessa nova condição, passa a agregar um sentido específico dentro da construção. Todos os casos identificados são resultados de um processo de lexicalização que produz semântica diversa, cuja sinonímia agora passa a constituir-se assim: “andamento” (a), “corresponder” (b) e, numa função mais complexa por agir no plano discursivo, “se você aceitar que eu diga assim” (c).

Concluído o mapeamento das construções que incorporam infinitivo no PB culto, tomamos como objeto de análise a amostra do PB falado por chineses em situação de imersão em São Paulo.

## 6.2. Usos do PB em LA

Posteriormente à identificação das ocorrências de infinitivo nas duas entrevistas com chineses, extraídos da amostra de Bi (2013), verificamos que alguns dados deveriam ser descartados justamente porque o infinitivo representava um uso “impróprio” ao sistema da LA. Isso implica dizer que os falantes apresentam domínio e fluência dessa língua com restrição de alguns contextos, em que uma interlíngua mais distante do PB é evidenciada. Estes dados foram descartados desta análise:

- (1) ... e também ela pensou mais em mim, porque ela **não quis eu participar** no vestibular da China, (chinesa)
- (2) ... toda vez quando tiver festa, comemoração de alguma coisa, **ela sempre ir** ter como tradutora assim. (chinesa)

- (3) ... a galeria **ficar em Paulista** não precisa preocupa, isso é bom, e comércio ilegal que dinheiro vem rápido (chinesa)
- (4) ... também tem **ver** com os amigos... (chinês)
- (5) ... ela prefere **fazer lavar roupa**, organizar algumas coisas. (chinesa)
- (6) ... e daí a minha não quis, **quis eu estudar** no terceiro ano lá (chinesa)

Restaram, ainda, 116 ocorrências do infinitivo, as quais serão descritas em termos de padrões de uso para que possamos retomar a hipótese inicial de que ambientes restritos podem tornar a linguagem do indivíduo igualmente restrita. Passemos, assim, a expor o resultado da análise desses dados, guardando um paralelo organizativo com o que fizemos na seção anterior, quando analisávamos o PB culto paulistano. A ausência dos padrões (c) e (d) revelam que falantes do PB como LA não utilizam esse tipo de construção.

**Tabela 6:** Grupo I: Construções Perifrásticas - Mapeamento das construções perifrásticas V1+V2 no PB como LA.

Construção	Padrões funcionais V1+V2	Token	Exemplos
Locucional	a) <b>ir + inf.</b> intenção > futuro	26	mas no máximo, na minha faculdade não <b>vai</b> ter mais de 3 ou 4 chineses, assim. (chinês) Eu tou aqui faz, <b>vai</b> fazer cinco anos (chinesa)
	b) <b>acabar + de + inf.</b>	1	Acho que sim, para quem <b>acabou</b> de chegar no Brasil, imagina uma pessoa sozinha no Brasil, (chinesa)
	c) <b>conseguir + inf.</b> empenho, esforço	2	Mas agora eu consegui <b>diminuir</b> um pouco. (chinesa)
	f) <b>poder + inf.</b> empenho, permissão	5	o que eu <b>posso fazer</b> é dormir, e naquela época, (chinês) eles não sabem falar português, que é que ele <b>podia</b> fazer, não <b>podia</b> fazer nada, só entrar na sociedade chinesa assim, o único lugar é 25 de março. (chinesa, moradora de SP)
	g) <b>querer + inf.</b> volição	5	Sim, quando você chega uma idade, você quer <b>liberar</b> dos pais. (chinês)
	h) <b>dever + inf.</b> Incerteza	1	<b>deve ter</b> um desenvolvimento melhor, e ela pensou em mim. (chinesa)
	i) <b>começar + (a) + inf.</b> fase inceptiva	11	E aí, eu <b>comecei</b> a conhecer monte de pessoas, assim. (chinês) e <b>comecei a pensar, comecei a ficar</b> com saudades do meu pai já. (chinesa)
	j) <b>ter que + inf.</b> necessidade>obrigação	10	E no sábado, ela <b>tem que ir</b> sempre a supermercado, <b>comprar</b> comida e tal, é cansativo. (chinesa) Você <b>tem que ter</b> uma coração de jesus, uma coisa assim. (chinês)
<b>Subtotal</b>	<b>8 types</b>	<b>61</b>	

Fonte: elaboração das autoras

A construção de verbo-suporte foi empregada, porém utilizando como verbo o vicário, mais usual em PB para a maioria das construções:

**Tabela 7:** Mapeamento das construções perifrásticas verbais: verbos suporte (V1+ SN) - PB como LA

k) Verbo suporte (verbo vicário + N)	1	na verdade, <b>fazer</b> amizade não é difícil. (chinês, morador de SP)
---	---	--

**Fonte:** elaboração das autoras

Quanto às combinações de orações empregadas para construir o relato solicitado, ambos os entrevistados recorrem altamente a modos de expor seus planos e metas (e), combinados a construções altamente subjetivas de avaliação (a, d). Expõem também opiniões e decisões (b), diluindo trechos de relato (c) em pormenores (f, g, h).

**Tabela 8:** Grupo II: Construções com Combinação de Orações - Mapeamento das construções discursivo-argumentativas - Orações subordinadas - PB como LA

oração substantiva Reduzida	a) <b>Subjetiva</b> Avaliação	10	Mas acho que é importante perder vergonha, (chinesa) acho que <b>estudar</b> mesmo é mais fácil do que se <b>relacionar</b> com os brasileiros. (chinês, morador de SP)
	b) <b>Objetiva direta</b> opinião/decisão	7	Daí ela veio aqui e resolveu <b>ficar</b> (chinesa) se você não <b>sabe</b> falar chinês, o salário mais baixo ainda (chinês)
	c) <b>Objetiva indireta</b> Relato	5	Eu gosto de <b>aprender</b> língua (chinesa)
	d) <b>Predicativa</b> Avaliativa	1	O importante é <b>abrir</b> boca para começar a falar. (chinesa)
oração adverbial reduzida	e) <b>Final</b> plano/intento	20	Depende do estado, no início, eu acho que 100% todo o mundo para a igreja no início é <b>para conhecer alguém</b> . (chinês) Ela veio primeiro com os amigos delas assim, <b>para viajar</b> e também (chinesa)
	f) <b>Modo</b> relato pormenorizado	2	Imagina que você vive com pessoas sem <b>falar</b> português (chinês)
	g) <b>Tempo</b> delimitação do movimento	4	Assim, <b>antes de ir</b> para outro países estrangeiro (chinês) Antes, <b>antes de vir aqui</b> , não sabia nada português (chinesa)
Construção (inovadora)	h) <b>dar para + inf.</b> Esforço	4	<b>deu para aprender</b> muita coisa, (chinesa) Sinceramente, aqui o que eu ganho <b>não dá para sublinhar</b> as minhas contas. (chinês)
<b>Subtotal</b>	<b>8 types</b>	<b>53</b>	

**Fonte:** elaboração das autoras

Além da concentração de usos nas construções de finalidade (e) e de avaliação (a, d), as demais combinações de orações são diluídas em torno de respostas pontuais sobre o que se pede na entrevista, sem criar um fundo narrativo muito denso e sem alongar com aditivas o momento relatado. Há, ainda, uma construção inovadora – mesmo que bastante frequente na oralidade – indiciando que os falantes acessam o português em suas relações face a face, o que os coloca numa situação de parca escolha construcional que lhes sirva de instrumento para formalidades porventura requeridas. De todo modo, com esse tipo de uso, integra-se na primeira oração um revestimento sintático de difícil acesso à normatividade, já que apresenta um aspecto de oração principal, mas ocupa uma posição sequencial típica de transferência de um objeto entre dois indivíduos: Fulano dá algo para Sicrano.

A construção perifrástica com o verbo leve “dar”, seguido de um verbo de ação (h), produz um empacotamento sintático atípico que conduz o ouvinte à interpretação de que houve um certo esforço implicado na realização da ação. Em outras palavras, o primeiro verbo dá suporte a que o segundo verbo (ação com esforço) seja ligado por uma preposição de finalidade (para), permitindo desenhar um percurso mais longo entre a posição do sujeito e a ação codificada. A construção como um todo torna-se pesada, refletindo, por iconicidade, o peso/esforço implicado na própria ação. Trata-se de uma construção inovadora no PB que guarda alta frequência e produtividade na língua falada, e por isso ocupa o espaço de um conjunto de outras construções vinculadas ao português culto que demandam itens específicos (intenção) e também mais complexos em sua construção, tais como a construção avaliativa, classificada como um período subordinado subjetivo: é possível + verbo de ação.

## Conclusão

Extrai-se das análises apresentadas uma série de evidências de que o PB como LA pode seguramente usar como parâmetro de fluência em língua falada os padrões funcionais presentes no PB como LM. Invariavelmente, os exames consideram a língua escrita como um *locus* de expressões modelares de fluência. Nas instâncias de avaliação de língua falada, considera-se a comunicação com formulações *pari passu* às perguntas das entrevistas. No entanto, será preciso repensar essa dinâmica considerando a gradiência de complexidade envolvida também na língua falada, uma vez que há situações em que um falar coloquial é requerido, mas há outras em que elementos de um falar controlado precisam ser recrutados.

Feita a análise dos usos em LM, evidenciamos que as construções discursivo-argumentativas revelaram marcas discursivas típicas de relatos pessoais (a, c, d), em que se encaixaram as opiniões e os marcadores de decisões tomadas (b), além dos planos e dos intentos (e). Ao fazerem isso, colocaram a serviço dessas construções algumas estratégias mais refinadas, como a pormenorização da informação (f), a delimitação de sensação vivenciada (g) e a hierarquização de informações segundo seu julgamento de importância (h). No cotejo com a LA, notamos que faltam habilidades para recrutar estratégias discursivas mais elaboradas, ainda que os falantes consigam responder às questões e se colocar como agentes de algumas ações, reportando suas impressões em experiências cotidianas.

Nos momentos iniciais de nossas discussões, tecemos um fundo teórico baseado em autores da Cognição, por considerarmos que esse aporte teórico não nos faria cair em reducionismos gramaticais. Assim, visitamos Dawson, que discutiu profundamente a relação entre corporeidade e gradiência de complexidade nos conduzindo a pensar sobre autonomia, orientadas por pressupostos de Tomasello, e sobre consciência, na perspectiva dinâmica apresentada por Damásio.

Clark propôs que, para além de ter consciência de atos próprios, o ser humano, imerso no mundo da linguagem, também deve se servir de outras instâncias enunciativas, codificadas via morfossintaxe e orientadas pela sociopragmática. São exercícios menos restritos dessa consciência no mundo da linguagem segundo o autor: (i) avaliar o próprio desempenho na solução de problemas (*self-evaluation*), sinalizando, no encadeamento conversacional, que a autoavaliação pode ser feita na instância do que digo ou da maneira como codifico o que digo e usar marcadores diferentes para cada situação; (ii) identificar pontos frágeis no próprio desempenho, encaminhando o restabelecimento do uso adequado por meio de novas formas linguísticas, tais como as estratégias de retificação (*self criticism*); (iii) repetir sistematicamente ações para treinar as próprias habilidades e repará-las (*self-improvement*), podendo em cada tentativa ir alcançando novas estratégias mais complexas de autoaperfeiçoamento; (iv) avaliar a solidez e a qualidade dos próprios argumentos (*self-reflection*), apresentando concernência e gerência sobre o próprio modo de dizer e de argumentar, sinalizando isso ao seu interlocutor com marcas próprias; e (v) pensar sobre as condições sob as quais se pensa melhor e tentar reconstituí-las num nível que se possa afastar do uso e falar sobre ele (*nível meta-meta*). Visitemos uma síntese da análise precedente:

**Tabela 9:** Resumo dos padrões de uso do PB como LM

<b>Padrões de uso</b>	<b>Types</b>	<b>Tokens</b>
<b>Grupo I – V1 + V2</b>		
LM Quase-auxiliares (aspecto e aktionsart): chegar, procurar, vir, conseguir, começar a, voltar a	6	10
LM Auxiliares modais (poder, dever, querer, ter que)	4	32
LM Auxiliares de tempo (ir, ter + v)	2	32
LM Locução inovadora - verbo serial	1	1
LM Verbo suporte	1	2
<b>LM Subtotal</b>	<b>14</b>	<b>77</b>
<b>Grupo II – Orações</b>		
LM Reduzidas substantivas	4	21
LM Reduzidas adverbiais	3	12
LM Inovadora aditiva	1	1
<b>LM Subtotal</b>	<b>8</b>	<b>34</b>
<b>Grupo III – Marcadores discursivo-conversacionais</b>		
LM Quer dizer – retificador	1	2
LM Quer dizer – ratificador	1	3
LM Quer dizer – conclusivo	1	3
LM Deixa eu ver – digressivo	1	2
<b>LM Subtotal</b>	<b>4</b>	<b>10</b>

<b>Grupo IV – Construções Lexicalizadas</b>		
LM marcador de dinamicidade do tempo	1	1
LM marcador de desconexão de ideias	1	1
LM marcador de aproximação de ideias	1	1
<b>LM Subtotal</b>	<b>3</b>	<b>3</b>
<b>Total geral</b>	<b>29</b>	<b>124</b>

**Fonte:** elaboração das autoras

Analisando esse quadro distributivo das decisões discursivas dos falantes usando LM, é possível averiguar que há uma complexidade enorme numa simples conversa cotidiana ou em entrevistas de caráter memorial. Vemos que, ao mesmo tempo em que o indivíduo ingressa num contexto em que deve respeitar as regras de uma conversa face a face, ao mesmo tempo em que deve respeitar as regras de uma entrevista específica, cada um dos paulistanos vai mobilizando novas formas de marcar sua intenção, ao mesmo passo em que também vai inovando ao trazer para o contexto de uso elementos que sinalizem até mesmo seu evitamento ao responder, suas rejeições ao que deve dizer, suas incertezas sobre o produto de sua resposta. Enquanto mergulha no jogo da entrevista, as situações face a face e as demandas impostas pelas perguntas parecem guardar a relevância da interação fazendo com que algumas expressões mutem-se tanto no sentido de serem emudecidas em alguma acepção quanto no sentido de serem alteradas para atender às demandas contextuais. Dessa forma, o léxico vai juntando-se a outro item vizinho e consubstanciando não somente respiros de sua história mas ainda a projeção de intenções pragmáticas.

Esses movimentos ultracomplexos não são tão claros no estágio de aquisição do PB como LA como vimos com os dados analisados no infinitivo.

**Tabela 10:** Resumo dos padrões de uso do PB como LA

<b>Padrões de uso</b>	<b>Types</b>	<b>Tokens</b>
<b>Grupo I – V1 + V2</b>		
LA Quase-auxiliares (aspecto e aktionsart): acabar de, conseguir, começar a	3	14
LA Auxiliares modais (poder, dever, querer, ter que)	4	21
LA Auxiliares de tempo (ir)	1	26
LA verbo suporte – fazer + N	1	1
<b>LA Subtotal</b>	<b>9</b>	<b>62</b>
<b>Grupo II – Orações</b>		
LA Reduzidas substantivas	4	23
LA Reduzidas adverbiais	3	26
LA Inovadora dar para	1	4
<b>LA Subtotal</b>	<b>8</b>	<b>53</b>
<b>Total Geral</b>	<b>17</b>	<b>115</b>

**Fonte:** elaboração das autoras

No Grupo I, um sequenciamento locucional de caráter verbal se apresenta como uma construção básica que deve ser mobilizada por qualquer falante de LM e LA. Mesmo assim, verificamos que na LM há um uso mais produtivo (mais tipos construcionais) e também mais frequente (no total, maior índice de uso). Enquanto chineses em LA mobilizam 8 tipos construcionais em seus relatos, paulistanos em LM mobilizam quase o dobro de construções (14 tipos). No grupo II, os falantes de LA e os de LM se diferenciam pela frequência de uso, embora empregassem uma quantidade de tipos muito similares.

A diferença significativa foi evidenciada pela produção dos grupos III e IV exclusivamente feita pelos falantes de LM. Como supúnhamos, inicialmente, o ambiente restrito impactara mais drasticamente os níveis mais abstratos de formulações discursivo- conversacionais, que organizam e hierarquizam o discurso assim como dos que sinalizam ao interlocutor intenções de sintonia discursiva. De posse desses *scaffoldings* mais complexos, qualquer falante reúne condições para: (i) avaliar o próprio desempenho durante o processo de resolução de problemas; (ii) identificar as inconsistências no próprio uso linguístico; (iii) incorporar novas habilidades linguísticas; (iv) avaliar a qualidade dos próprios argumentos; e (v) a partir de *inputs*, recolher novas estratégias para discutir o próprio uso. Logo, à medida que cresce o desempenho do falante, maior será sua habilidade de uso na língua, o que reflete a atuação do princípio de iconicidade.

## Referências

- ABRAÇADO, Jussara; DIAS, Nilza Barrozo; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Construções subjetivas. In: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira (orgs.). *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017, pp. 163-90.
- BI, Meng Yin. *Imigração chinesa em São Paulo e seu português falado: interlíngua e marcadores discursivos*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CLARK, Andy. Language, embodiment, and the cognitive niche. *Trends in Cognitive Sciences*, USA, v. 10, n. 8, 2006.
- DAMÁSIO, António R. *E o cérebro criou o homem*. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [2009].
- DARWIN, Charles. Esboço autobiográfico. In: *A origem das Espécies por meio da seleção natural* ou A preservação das raças favorecidas na luta pela vida. Tradução de André Campos Mesquita. São Paulo: Escala, 2018 [2. ed. 1876].
- DAWSON, Michael. Embedded and situated cognition. In: SHAPIRO, Lawrence. *The Routledge handbook of embodied cognition*. Oxon: Routledge, 2014, pp. 59-67.
- DEFENDI, Cristina Lopomo. *“Portanto, conclui-se que”*: processos de conclusão em textos argumentativos. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH/USP, 2013.

- DEL NERO, Henrique Schützer. *Sítio da Mente - Pensamento, Emoção e Vontade no Cérebro Humano*. São Paulo: Collegium Cognition, 1997.
- GIBBONS, Pauline. *Scaffolding language, Scaffolding learning: Teaching English language learners*. Portsmouth: Heinemann, 2015.
- GIVÓN, Talmy. *Context as Other Minds - The Pragmatics of Sociality, Cognition and Communication*. Philadelphia: Benjamins Publishing Co., 2005.
- GIVÓN, Talmy. *The genesis of syntactic complexity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. O princípio da iconicidade e sua atuação no português do Brasil. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 8, pp. 83-96, 2006.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Two principles, one path: relationship between unidirectionality and iconicity in linguistic processing*. In: Ataliba Teixeira de Castilho. (org.). *História do português paulista*. 1ed. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, v. 1, pp. 479-94.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. (org.). *Gramaticalização em Perspectiva: Cognição, Textualidade e Ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia. “Mettáforas” para Martelotta. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, M. Angelica Furtado da (orgs.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013, pp. 59-80.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia; VICENTE, Renata Barbosa (orgs.). *A Língua Portuguesa falada em São Paulo: amostra da variedade culta do século XXI*. São Paulo: FFLCH/USP, 2012. Disponível em: [http://linc.fflch.usp.br/sites/linc.fflch.usp.br/files/inlinefiles/corpus\\_PHPP\\_ficalizado\\_0.pdf](http://linc.fflch.usp.br/sites/linc.fflch.usp.br/files/inlinefiles/corpus_PHPP_ficalizado_0.pdf) Acesso em: 09 mar. 2021.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Nova mente, outro contexto*. In: OLIVEIRA, Mariangela R. De; ROSÁRIO, Ivo da C. (orgs.). *Linguística Centrada no Uso – teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, pp. 13-21.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. O espaço da intersubjetividade e a ordenação sintática: para uma abordagem cognitivo-funcional. *Metalinguagens*, v. 1, pp. 66-78, 2014.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo T. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PENHA, Tomás Reis Barreto. *Intenção linguística e corporeidade na interação: por um método para a pesquisa sobre o Alzheimer*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.
- RIBEIRO, Marcello. “*Tudo que existe, desde maravilhas a catástrofes, é resultado de algum trabalho, uma vez que ele não se limita apenas ao homem, mas, sim, a todo o universo*”: o papel da correlação inovadora, um exercício cognitivo? Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 2014.
- TOMASELLO, Michael. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TOMASELLO, Michael. *Why We Cooperate*. Massachusetts: MIT Press, 2009.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VICENTE, Renata Barbosa. *Iniciar é abstrato? É o lugar, é o tempo, é o espaço do caos cognitivo*. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 2014.

VICENTE, Renata Barbosa; DEFENDI, Cristina Lopomo; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Divergências e contribuições saussureanas à Linguística Funcionalista. *Prolíngua* (João Pessoa), v. 11, pp. 24-35, 2016.